

**JORGE AMADO: SUA TRAJETÓRIA E A RELAÇÃO DE SUA OBRA PARA
COM A TV****JORGE AMADO: YOUR CAREER AND YOUR RELATIONSHIP WORK
WITH TV**Alessandro Fernandes ALVES¹

RESUMO: Jorge Amado, um dos maiores autores de nossa literatura moderna, teve muitas de suas obras transpostas, com enorme sucesso, para a linguagem televisual. O presente trabalho traçará uma trajetória da vida deste autor, explorando suas influências e situando-o historicamente no movimento literário brasileiro ao qual pertence. Fará também uma breve apresentação de suas obras, que hoje fazem parte também da história da teledramaturgia brasileira, explorando algumas possibilidades de geração desse sucesso. Por fim, este trabalho visa deter-se no encontro de duas linguagens que travaram um diálogo estético fecundo e bem sucedido entre nós: a literatura de Jorge Amado e a teledramaturgia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Amado, romance, adaptação, teledramaturgia.

ABSTRACT: Jorge Amado, one of the greatest writers of our literature, had some of his works translated into the language television, and these adaptations were generating huge success in terms of audience. This paper will trace a trajectory of the life of this author, exploring their influences and situating it historically in Brazilian literary movement, and make a presentation of his works translated into the language television through the television drama, exploring some possibilities for generating such a success. Finally, this paper aims to identify the happy and harmonious meeting of two languages they caught a successful aesthetic dialogue: a literary language of Jorge Amado and Brazilian soap operas.

KEYWORDS: Jorge Amado, fiction, adaptation for TV drama.

A teledramaturgia é uma das modalidades dramáticas desenvolvidas pela televisão e, sem dúvida, é o gênero de ficção mais prestigiado em nosso país. Desde seu início, desenvolveu uma relação produtiva com a literatura, muito bem expressa pelos

1. Graduando em Letras pela AFARP-UNIESP (União das Instituições Estaduais de S. Paulo / Faculdade de Ribeirão Preto), CEP: 14010-060. Trabalho sob orientação da Profa. Dra. Milca Tscherne e do Prof. Dr. Alexandre de Mello Andrade. E-mail: ale.fane@yahoo.com.br

números: de 1952 a 1994, houve 223 novelas adaptadas de textos literários. Mas é, sobretudo, a partir de maio de 1975, quando a Rede Globo inaugura, no horário das dezoito horas, um espaço para veicular telenovelas adaptadas da nossa literatura, que os autores ganham notoriedade.

Essa fase da televisão veio ao encontro de uma política nacional de grande interesse na época, voltada à difusão da cultura brasileira. Nesse contexto, vários autores nacionais tiveram suas obras transpostas para a televisão, dentre eles, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo, e, particularmente, Jorge Amado, o escritor mais adaptado para a televisão brasileira, com mais de quatorze obras teledramatizadas desde 1960.

Dentre alguns romances de Jorge Amado que foram adaptados para a televisão, figuram alguns emblemáticos, e muito presentes na memória popular, como *Gabriela cravo e canela* (1958), o romance mais adaptado do autor, que foi exibido em 1960, pela extinta TV Tupi; e mais tarde, nos anos de 1975 e de 2012, pela TV Globo, *Tieta do Agreste* (1977), exibido pela TV Globo em 1989 e *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), exibido sob a forma de minissérie também em mais de um momento.

Outras obras sofreram adaptações e foram transpostas para a linguagem televisiva: *Mar morto*, romance de 1936, adaptado por Aguinaldo Silva na novela da TV Globo *Porto dos milagres* em 2001, *Terra dos sem fim*, de 1943, adaptado por Walter George Durst, e levado ao ar em 1981 pela TV Globo, *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água*, de 1959, adaptado em 1978 por Walter Avancini, e sob a forma de um episódio, foi televisionada pela TV Globo no mesmo ano no programa intitulado *Caso Especial*, *Tenda dos milagres*, de 1969, adaptado por Aguinaldo Silva e Regina Braga, que foi ao ar em formato de minissérie pela TV Globo em 1985; *Teresa Batista cansada de guerra*, de 1972, adaptado por Vicente Sesso, e exibido sob o formato também de minissérie pela TV Globo em 1992, *Tocaia grande: A Fase obscura*, de 1988, adaptada por Duda Rachid, Mário Teixeira e Marcos Lazarini, e exibida em 1995 e 1996 pela extinta TV Manchete, *A descoberta da América pelos turcos*, de 1994, adaptado por Aguinaldo Silva na novela *Porto dos milagres* na TV Globo em 2001.

Interessante percebermos que a televisão permite que em uma única produção, no caso, a novela, seja explorada mais de uma obra literária, é o caso da novela *Porto dos milagres*, exibida pela TV Globo em 2001, que se aproveitou de duas obras de Jorge

Amado: *Mar morto* (1936) e *A descoberta da América pelos turcos* (1994). A linguagem televisiva, neste caso, a telenovela especificamente, permite essa multiplicidade de inclusões. Uma vez citado Jorge Amado como o escritor que mais teve obras adaptadas para a televisão brasileira e tendo sido elencadas algumas de suas obras, faz-se necessário que tenhamos uma breve biografia desse autor, para podermos entender sua trajetória e o seu sucesso também na televisão.

Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912. Sobre o local exato de seu nascimento, ainda pairam dúvidas. Alguns biógrafos indicam que ele nasceu na Fazenda Auricídia, município de Ilhéus, que mais tarde passou a pertencer ao atual município de Itajuípe. Certo é que Jorge Amado foi registrado no povoado de Ferradas, pertencente a Itabuna, daí dizermos comumente que seu local de nascimento é Itabuna.

Em 1913, uma praga de varíola obrigou a família de Jorge Amado a deixar a fazenda e se estabelecer em Ilhéus, local onde viveu a maior parte de sua infância, e serviu de cenário de inspiração para vários de seus romances. Filho do coronel João Amado de Faria e Eulália Leal Amado, participou ainda jovem, intensamente da vida literária de Salvador, tendo sido um dos fundadores da Academia dos Rebeldes, que era um grupo de jovens que desempenharam importante papel na renovação das letras baianas. Entre 1927 e 1929, foi repórter do jornal *Diário da Bahia*, e escreveu na revista literária *A Luva*.

Na literatura, ele estreou no ano de 1930, com a novela *Lenita*, publicada por uma editora carioca, e feita em parceria com Dias da Costa e Édison Carneiro. Seus primeiros romances foram *O País do carnaval*(1931), *Cacau* (1933) e *Suor* (1934).

Jorge Amado estudou Direito na atual Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bacharelando-se no ano de 1935, mas nunca exerceu a profissão de advogado. Nos anos de 1930, a Universidade do Rio de Janeiro era um polo intenso de discussões políticas e artísticas, e foi nesse cenário que Jorge Amado obteve seus primeiros contatos com o movimento comunista organizado. Já em 1939, foi redator-chefe da revista *Dom Casmurro*, e paralelamente, já produzia seus romances.

Casou-se com Zélia Gattai, também escritora, e com ela teve três filhos: João Jorge, sociólogo, Paloma e Eulália. Entre os anos de 1941 e 1942, viveu exilado na Argentina e no Uruguai, e de 1948 a 1950, em Paris, tendo morado em Praga nos anos

de 1951 e 1952. Viveu boa parte de sua vida como escritor profissional, com recursos exclusivos dos direitos autorais de suas obras.

Em 1945, o escritor baiano elegeu-se deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), e no Congresso, foi autor da emenda que garantiu a liberdade religiosa no Brasil, também foi autor da emenda que garantia direitos autorais. Apesar desse espírito arrojado, paradoxalmente votou com o PCB a emenda nº 3.165, de autoria do deputado Miguel Couto Filho, que proibia a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e procedência. Em abril de 1961, foi eleito para integrar a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 23, e sucedendo Otávio Mangabeira, cadeira essa que viria a ser ocupada depois por sua esposa, após sua morte.

Suas obras foram traduzidas para 48 idiomas. Muitas delas foram adaptadas para o cinema, teatro, rádio e televisão, não só no Brasil, mas também na Europa e nos EUA. Suas últimas obras foram *Tocaia grande* (1984), *O Sumiço da santa* (1988) e *A descoberta da América pelos turcos* (1994).

Na década de 1990, quase foi à falência, pois suas economias estavam depositadas no Banco Econômico que faliu nesse período. Graças a uma intervenção do Governo junto a este banco, Jorge pode ter seu dinheiro recuperado.

Em junho de 2001, foi hospitalizado com uma grave crise de hiperglicemia. Com a saúde debilitada já há alguns anos, faleceu em 6 de agosto deste mesmo ano, de uma parada cardiorrespiratória em Salvador. A seu pedido, foi cremado, e suas cinzas, colocadas ao pé de uma mangueira em sua casa. Apesar de dizer-se materialista, era adepto do candomblé, tendo estabelecido relações muito pessoais com grandes lideranças desse movimento religioso.

Vale ressaltar que Jorge Amado foi um dos autores brasileiros mais traduzidos pelo mundo, ficando atrás apenas de Paulo Coelho. Seus romances foram editados em 55 países, e versados para 49 idiomas e dialetos ao redor do mundo. Sua vida foi uma intensa produção literária, e podemos considerá-lo como um dos autores mais brilhantes de nossa literatura.

Jorge Amado caracteriza-se como um exímio criador de tipos, de perfis em suas obras. Os tipos, por terem uma natureza embrionária e, por isso, permitirem o enriquecimento posterior de traços, oferecem à teledramaturgia uma fonte inesgotável de possibilidades de criação e adaptação. Constituem, igualmente, um forte apelo ao

gosto popular, pois sempre remetem o telespectador a uma identificação, quer consigo mesmo, quer com o outro. A partir desta observação, podemos começar a entender o motivo do sucesso e das várias adaptações da obra de Jorge Amado para a teledramaturgia.

Ao tratarmos dele como um excelente criador de tipos, precisamos entender em literatura o que são tipos dentro da obra literária. Vários são os modelos de personagem que o autor pode apropriar-se para dar vida às figuras descritas em sua obra. Jorge Amado, evidentemente, utilizou-se de todos os recursos de que dispunha para a composição de seus personagens, e os construiu dos mais variados modos, ora exagerando nos traços e criando verdadeiras caricaturas, ora delineando-os com complexidade, ora elaborando com maestria os inúmeros tipos, os quais sustentam o regionalismo em sua obra.

Mas o que vem a ser um personagem tipo? Um personagem tipo é aquele personagem plano, enxuto, ou seja, construído em torno de uma só ideia ou qualidade, e alcança seu auge sem causar deformação, ao contrário do que ocorre com o caricato. Os personagens tipos geralmente representam qualidades e defeitos de uma classe social ou de uma profissão e são caracterizados, sobretudo pela linguagem e pela indumentária. Como são bem definidos pelos poucos traços que carregam, são personagens considerados chaves para reforçar a caracterização dos vários núcleos dramáticos sobre o qual a telenovela se constrói. Podemos inferir que essa opção de construção de personagem de Jorge Amado é, sem dúvida nenhuma, um dos elementos que atraíram a sua narrativa para habitar tantas vezes o universo ficcional da teledramaturgia brasileira.

Nos romances de Jorge Amado, estes personagens são constantemente representados pelas figuras: do padre da cidade, do coronel, do protegido, do dono da “venda”, da prostituta, do ingênuo, do grupo de puritanas, e assim por diante. Percebe-se que todos esses personagens não possuem grande complexidade constitutiva, pois simbolizam ou representam sempre características amplas dos grupos a que pertencem. Revestem-se de uma linguagem de lugares-comuns altissonantes, como nos diz Moisés Massaud (1997), que, para a teledramaturgia, são um oceano de possibilidades, pois ao representarem o que é comum, podem ser investidos, na trama televisiva, de ambiguidades, contradições, incoerências, qualidades, defeitos, sentimentos, que nada mais são do que aquilo existente e comum a todos, e o telespectador ao ver na tela esses

personagens que refletem muito do que vivenciam no cotidiano, identificam-se com eles, projetam-se neles, estabelecem vínculos até mesmo afetivos, criando uma relação de acompanhamento de suas ações, o que para a televisão é essencial, pois implica em audiência e retorno.

Nesse sentido, Jorge Amado, ao tipificar muitos de seus personagens, até mesmo para mostrar aos leitores aspectos da sociedade em que vivia, ofereceu à teledramaturgia a possibilidade de explorá-los, e esse encontro foi o que possibilitou o enorme sucesso das obras dele na televisão brasileira.

No âmbito do enredo dos romances de Jorge Amado, possivelmente por sua formação política e ideológica – não podemos nos esquecer de que ele fora militante do partido comunista, deputado e exilado político –, suas obras possuem múltiplos núcleos dramáticos, fundamentais à teledramaturgia, todos eles comprometidos com uma tensão polifônica, cujas vozes expressam com nitidez as principais antíteses da sociedade brasileira. Com um arguto olhar antropossocial, consegue extrair da concisão de seus tipos e do jogo entre as muitas células narrativas, em suas tramas, um retrato humano e estrutural do nosso país. Esse é mais um fator que poderíamos extrair da literatura de Jorge Amado que possibilitou seu enorme sucesso nas adaptações sofridas pela teledramaturgia.

Apesar de ser considerado regionalista e descrever muito bem os costumes, as tradições e os lugares de certas regiões brasileiras, Jorge Amado atinge temas universais, como o abuso do poder político, a crítica às velhas estruturas econômicas e o conflito com a mudança, as traições amorosas e suas consequências sociais, o uso da religião como instrumento de manipulação e poder, as relações sexistas, e toda sorte de estigma social que um ambiente conservador e opressor é capaz de produzir.

É importante salientarmos a que geração e movimento situam-se as obras de Jorge Amado no contexto histórico da literatura brasileira, para situá-lo em uma linha cronológica de nossa literatura. Jorge Amado pertenceu ao movimento que se denominou, no Brasil, Modernismo, tendo sido iniciado com a Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922. Tal movimento artístico passou por duas fases: a primeira compreendida entre os anos de 1922 e 1930, na qual a grande preocupação era com a renovação estética e artística vigentes até então, e a segunda, compreendida entre os anos de 1930 e 1940, com uma

produção de caráter regionalista e de cunho de crítica social. Jorge Amado situa-se nesta segunda fase do Modernismo no Brasil, também conhecida como “Geração de 1930”.

O Brasil e o mundo passaram nos anos 1930 por grandes transformações. O nazifascismo na Europa, a crise da Bolsa de Nova Iorque em 1929, a crise cafeeira mundial e nacional, o combate ao socialismo, a Revolução de 1930 no Brasil, com o consequente questionamento das oligarquias tradicionais, todos esses fatores foram constitutivos para um posicionamento por parte dos artistas, que se viram em uma situação de novo posicionamento diante da realidade.

A Geração de 1930 foi marcada pelos acontecimentos históricos, e sua produção de romances voltou-se integralmente para os romances sociais, onde o Nordeste foi descrito preterivelmente, de modo a demonstrar a situação precária pela qual vivia essa região do país. O interesse voltou-se para temas nacionais, com uma linguagem mais brasileira, e os romances foram desenvolvendo-se de tal forma a caracterizarem-se pela denúncia social, posicionando-se quase como verdadeiros documentários da realidade brasileira. Nesse sentido, o regionalismo ganha uma importância até então não alcançada na literatura nacional, levando ao extremo as relações dos personagens com o meio sociocultural e político que seus autores os inseriram. No Nordeste do Brasil, há uma passagem de um modelo medieval, atrasado, para uma nova realidade, inserida na ordem do capitalismo e do imperialismo, e problemas como a seca, a migração, as dificuldades do trabalhador rural, a miséria, a ignorância foram ressaltados nos romances deste período.

Neste contexto, surge Jorge Amado, com uma literatura regionalista que apresenta a Bahia, a zona rural do cacau e a zona urbana de Salvador, com todos os seus conflitos e características. A sua grande preocupação, segundo José de Nicola (2011) foi a de criar tipos marginalizados, para através deles, analisar toda a sociedade em que estava inserido, e criar condições para o exercício de uma crítica social.

Para Afrânio Coutinho (2002), esse fundo regional, preocupação de Jorge Amado em sua obra, está sempre em função do sociologismo, que é “a caracterização de uma área com o seu grupo social distinto”. Nas obras de Jorge Amado, as paisagens rurais baianas, mescladas à cidade de Salvador, não são apenas palco ou suporte narrativo, elas surgem como representações plásticas, reafirmando sua existência

efetiva, e tornam-se bases necessárias à obra para uma humanização de seus personagens. Na medida em que o autor dá voz ao povo, vai conduzindo-o a uma humanização, e a partir daí podemos compreender que a criação de tipos em Jorge Amado quer provar essa humanização proposta, onde, de romance a romance, o autor parte de tipos sociais para caracterizar as dimensões individuais de seus personagens, oferecendo uma verossimilhança incontestável.

Jorge Amado, segundo Coutinho (2002), na evolução de sua obra, a partir de *Gabriela, cravo e canela*, vai personalizando mais psicologicamente seus personagens, mas não elimina os vínculos com o complexo cultural baiano, a Bahia sempre é o palco das tramas do autor.

A literatura regionalista sempre atinge o leitor, mesmo que dissociado geograficamente do autor, pois, como afirmou José Américo na abertura do romance *A bagaceira*, “o regionalismo é o pé de fogo da literatura... Mas, a dor é universal, porque é uma expressão da humanidade” (AMÉRICO, 1972, p. 13).

Desse modo, do mais distraído ao mais atento telespectador experimenta na produção televisiva das obras de Jorge Amado um inevitável encontro consigo mesmo e com a realidade que o cerca, a qual, por vezes, é vivenciada sem a percepção crítica necessária. A televisão, com seu enorme poder difusor, ao explorar todo o universo do homem brasileiro e ao trazê-lo ao protagonismo, assim como fizera Jorge Amado, prende-o de tal modo que as suas aspirações, que nem sempre são acolhidas pela realidade, projetam-se na ficção, sob a forma de torcida junto às tramas que lhe são apresentadas. A ficção passa a ser, ainda que na dimensão do imaginário, um instrumento de libertação desse homem comum, fidelizando-o ao gênero. Talvez nesse traço particular esteja o forte vínculo que se construiu entre a obra de Jorge Amado adaptada para a linguagem televisiva e os seus telespectadores.

Claro que uma obra literária, um romance, é sempre a expressão da subjetividade do autor, que se cerca da realidade e da imaginação para dar vida aos personagens, construir cenários, onde nós, leitores, transitamos e nos transportamos de modo a estabelecer um contrato com ela.

A riqueza da expressão dessa subjetividade do escritor dá-se sempre pelo trabalho laborioso de sua escrita, e não há transposição capaz de reproduzir aquilo que

essencialmente cada autor quis transcrever para o papel acerca de cada história, de cada personagem, de cada cenário.

Ao falarmos disso, estamos evidentemente querendo dizer que as adaptações de obras literárias, tanto para o teatro quanto para a televisão, por mais ricas que sejam e busquem ser fiéis ao texto escrito, indubitavelmente não serão capazes de espelhar as emoções, as sensações, os desejos e angústias, uma vez que temos de aceitar que

[...] a tela não poderá nunca reproduzir a textura da madeira do cachimbo, nem o calor da fornalha há pouco apagada, nem o cheiro de tabaco suave que permanece no ar, também aceitaremos que um filme não possa reproduzir todos os aspectos, implícitos e explícitos, de um texto. (COCO, 2000, p. 129).

Tal evento dá-se por um fato singelo: cada adaptação tenta captar a essência da obra, tenta reproduzir o conteúdo da mesma, mas ao transpor para outra linguagem, precisa sempre acrescentar ou retirar algo, priorizar ou desmerecer algo. A linguagem dramática ou televisiva não se compatibiliza com a singularidade da linguagem escrita, e precisa aplicar recursos próprios da linguagem para a qual está sendo transposto o texto literário.

Sempre há de se perder e de se acrescentar algo nas transposições de linguagem ou, como prefere Haroldo de Campos, nas transcrições. Isso é claro em razão das características que cada modo de expressão abarca para firmar-se, sustentar-se e definir-se de acordo com suas peculiaridades específicas.

É preciso não esquecer que a linguagem literária possui alto grau de subjetividade, não necessitando, pois, de uma estrutura dramática rígida, e abrindo espaço para digressões. Já a linguagem imagética se escora, de forma vital, a uma estrutura dramática – no caso da televisão aberta, agudizada pela narrativa fragmentada, que impões os ganchos dramáticos. [...] Passar de palavras a imagens é passar de um sistema binário e aleatório a outro, múltiplo e analógico. Alcione Araujo provocadoramente radicaliza, ao afirmar que não existe adaptação de obra literária para outro meio, por serem linguagens intrasponíveis. Se Haroldo de Campos emprega o termo de “transcrição”, Alcione empresta à teologia o de “transubstanciação”. E explica não ser o que se adapta, necessariamente, algo de factual ou explícito, mas sim “a substância imanente da obra, uma essência que se oferece sem se revelar, um sentido quase sempre encoberto pelos ruídos da ação”. (COCO, 2000, p. 129-30).

Transpor um texto literário para uma linguagem não escrita, no caso a da televisão, é um processo de empreendimento arrojado, pois deve pressupor um conhecimento extenso da obra do autor, de modo a não perder-se em exageros ou incompletudes e, sim, captar e ater-se em sua essência.

Com relação às adaptações dos romances de Jorge Amado, o sucesso das produções televisivas demonstra uma simpatia por parte do público diante do proposto, o que não implica necessariamente em uma classificação qualitativa, mas nos serve de termômetro para concluirmos o que já foi explicitado acerca da identificação: o telespectador cria vínculos afetivos com os personagens “tipos” do autor. Ao longo dos anos, foi essa identificação que possibilitou a Jorge Amado ser o autor mais adaptado para a teledramaturgia brasileira.

Por fim, ao pensar na questão do sucesso de Jorge Amado na televisão brasileira, precisamos ter por certo que se trata de um encontro feliz entre duas linguagens que mutuamente conseguiram travar um diálogo estético harmônico: a linguagem literária de Jorge Amado e a teledramaturgia brasileira. Este veículo soube explorar muito bem os subsídios de identificação nacional fornecidos pelo universo ficcional do escritor, no qual se desenha com clareza, e ainda com atualidade, o retrato completo de uma sociedade que continua a aspirar por mudança e por liberdade, assim como o rol de personagens marcantes coroados em sua obra.

Referências

- ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio INL, 1972.
- COCO, Pina. O livro é melhor que o filme? **O percevejo**: Revista de teatro, crítica e estética do departamento de teoria do teatro e do Programa de Pós-Graduação em Teatro/ UNIRIO, Rio de Janeiro, ano 8, n. 9, p. 126-130.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil – Era Realista e Era de Transição**. São Paulo: Global, 1955.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: Prosa**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- NICOLA, José de. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 2011.